Canto-murmúrio para minha cidade

Silva Freire





a Ciência e a Cultura

Representação da UNESCO no Brasil







Silva Freire

Canto-murmúrio para minha cidade



Representação da UNESCO no Brasil







Não, Cuiabá, não são as crianças quem lhe sangram de agulhas envenenadas a veia jugular da vida ...

Não são elas quem lhe entopem as flautas da respiração ...

Quem enforca seu sono-sonho com gritos de – **assalto!**, não são suas crianças.

Não são elas que poluem a convivência familiar de suas praças-sem-folguedos-decriancas ...

Quem encaixota sua qualidade de vida, não são as crianças.

Não são elas que estão garroteando seus santos de festas, suas lendas e mitos. As crianças não **car-navalharam** seu carnaval ... Quem ordenha suas tetas maternais, para traí-la depois, não são as crianças. Elas só sabem amar sua bondade ferida.

Não são as crianças que debicam de sua história-orgulho nacional.

Quem entristece o poema sonoro que seu povo fala, não são as crianças.

Quem povoa de poluição sonora, verbal, escrita e visual seu espaço público, não são as crianças.

Quem desorganiza a higiene de seus rios, não são as crianças.

Não são elas que atiçam fogo em seus limites de respeito coletivo. As crianças não sabem da indústria da posse ...

Quem está favelizando o seu calor humano, não são as crianças. Elas não usam tóxico.





Silva Freire so 6

Não são as crianças que se esquecem de seus valores permanentes. Elas se alimentam das raízes da raça.

Não são as crianças que se enriquecem a curto prazo e a qualquer preço, à custa de seu empobrecimento ...

Quem está descarnando o seu patrimônio espiritual?

Quem quer apagar a memória de seu povo?

Quem deforma a sua imagem histórica?

Quem delapida sua herança?

Quem camufla a trambicagem?

Não são as crianças que borram a imundície da vida em suas paredes seculares. As crianças, suas crianças, Cuiabá, sabem pinturar de alegria a cidade-úteromaterno. Não, redigo: as crianças são o poema inconsútil da vida, ninhando a peraltice no andor do arco-íris cuiabano.

Não, as crianças musificam suas dores, feridas por mãos anônimas.

As crianças aromatizam o máu-hálito que baforam sobre você, Cuiabá.

Não, tresdigo: as crianças aliviam, num abraço, o desespero-escuro onde o lamaçal esconde o crime

Quem está sufocando a cidade de seus artistas?

Quem está querendo calar a capital das catedrais?

Quem nos quer a marca dos excluídos?



Quem está fazendo o rio Cuiabá suar de mal usado?

Que buracolândia é essa? Essa valeta vai esconder quantas omissões?

Não ... , não suicidem a cidade de **Lamartine Mendes**, o poeta ausente!

Não façam em bagaço a Capital de **Cavalcanti Proença**, o ensaísta-crítico!

Não reneguem a aldeia de **Estevão de Mendonça**, o historiador presente!

Não façam de Cuiabá outra paulicéia desvairada, sob a chuva, fuligem e enxurro!

Não impermeabilizem o sub-solo sensitivo de **Miguel Sutil**, até não respirar mais: — o exemplo é ali, em São Paulo,

— o exemplo é ali, em São Paulo, Rio e Belo Horizonte!





Não arrivista, para ressaltar outra cidade, não é honrado diminuir a que lhe dá o sustento!

Não, não são as criancas auem está rasaando o tecido cultural da cidadel

As crianças são o futuro-interior da comunidade, e vão pedir contas à história.

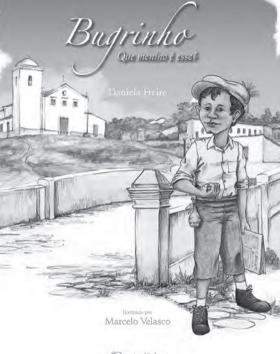
Ah. "seu" Delegado!, "seu" Fiscal. "seu" Secretário. Sr. Prefeito. Guarda Civil. Chefes. Chefes. tantos Chefes! — a posse da cidade não é posse da função!



Não, Cuiabá, não são as criancas: são os **troploditas** da cultura, daqui e de lá: são os mastodontes das hibliotecas. de lá e daaui: são os brutamontes da história. daaui e de lá: são os crocodilos das escolas, de lá e daqui: são os tisanuros da espécie, daqui e de lá; são os rinocerontes dos iardins. de lá e daqui; são os eunucóides mentais, daqui e de lá; são os tricerátopes sobrevivos. de lá e daaui: são os atanajuras da política, daqui e de lá; são os mentecaptos da cidade, de lá e daqui, os que estão traindo a Terra de Rondon, **Dom Aquino Correia**

Bom Clima de Cuiabá, antes que vire a favela do Brasil

e Rubens de Mendonça.



Bugrinho – Que menino é esse?

É o poeta de vanguarda Benedito Sant'Ana da Silva Freire, mato-grossense nascido em Mimoso, distrito pantaneiro do município de Santo Antônio de Leverger, em 20 de setembro de 1928. Publicou vários cadernos e livros de poesias, crônicas, contos. Também foi líder estudantil, advogado criminalista, professor universitário político e jornalista cultural. Faleceu aos 62 anos, em 11 de agosto de 1993, por complicações decorrentes de um câncer de pulmão. Em sua homenagem, a data do seu nascimento foi instituída pela Assembléia Legislativa de Mato Grosso como o dia do poeta mato-grossense.

Como poeta e escritor dedicado a Cuiabá e Mato Grosso, deixou uma grande e preciosa obra de valor universal.

Este ano estaria completando 80 anos. Para comemorar a data, o Escritório Antena da Unesco realizou o **Circuito Cultural Setembro Freire**. A Entrelinhas Editora publicou "Bugrinho – Que menino é esse?" escrito por Daniela Freire e ilustrado por Marcelo Velasco, uma biografia do poeta para o público infanto-juvenil.

